

Mestre FIGUEIREDO SOBRAL – com grande injustiça, o mais ignorado dos grandes pintores portugueses contemporâneos – vem-se, persistentemente, auto-definindo, ao longo de uma carreira que ultrapassa já as cinco décadas, como um “surrealista barroco” de grande qualidade.

Se tal obra começou por ser essencialmente pictórica, rapidamente buscou outras paisagens estéticas, graças a um labor que fez rimar experimentação com insatisfação, entre gravura e cerâmica, tapeçaria e escultura.

Em todas essas variadas vertentes, a sua inconfundível originalidade ressuma uma enorme carga onírica demonstrada na profusão do pormenor.

Essa “realidade sonhada” projecta-se, quer através de um figurativo estrito, quer de abstracções esvoaçantes na amálgama das resinas com a tinta ou na depuração da aquarela.

Todavia, se Figueiredo Sobral se iniciou como um pintor que também esculpia, tornou-se, a breve trecho, num escultor que pinta. Inconformado com a natureza virtual da técnica da perspectiva, procura acrescentar uma terceira dimensão real aos seus quadros, introduzindo-lhes o relevo.

Daí essa multidão de rostos que habita as suas telas, seres sonâmbulos de um além sonhado que nos fitam misteriosamente com uma mensagem indizível prisioneira dos lábios.

Nesta mostra, revela-se a escrita, enquanto cúmplice do universo onírico de Figueiredo Sobral, ele próprio também talentoso cultor da poesia. Porém, as palavras não descrevem os quadros. Simplesmente, evocam-nos.

O mistério das personagens que, quase obsessivamente, povoam as telas do Mestre, ao assomarem-se à superfície da tela, parecem apenas querer dizer: que é a vida senão um sonho?

2005

Adalberto Alves

(Escritor, poeta, ensaísta, advogado e arabista)

A Pintura e a Escrita

«A pintura e a escrita» é o título escolhido para esta exposição de pintura de Figueiredo Sobral, no MAC - Movimento Arte Contemporânea, cumprindo um seu velho sonho de aliar a poesia e os seus escritores de cabeceira à sua arte pictórica e escultórica.

Deste modo, nestes 35 quadros povoam ecos de Eça de Queirós , em figuras representativas de uma sociedade de final do século XIX, onde a paixão, o vício e a ociosidade se entrelaçam em obras como *A Relíquia*, *O Crime do Padre Amaro* e *Os Maias* , cujo peso é bem sentido por aqueles que se intitularam a si próprios «Os Vencidos da Vida».

Mas ainda dessa época , o pintor é fascinado por Camilo , na ironia da *Queda dum Anjo* e, por essa personagem de Calisto Elói, o político provinciano, que vai deixando cair as suas asas brancas à medida da sua ascensão, tal como diria Almeida Garrett no belo poema , com o mesmo nome, que é aqui pintado a espátula e a escárneo.

É igualmente tocado pelo lado romântico de Camilo, em *Amor de Perdição*, nesse trio trágico-amoroso de Simão-Teresa-Mariana ou pela poesia de *Flores sem Fruto* de Garrett ou dos *Sonetos* de Bocage.

Mas é Antero de Quental , o seu companheiro das noites insones, atormentado entre a fé e a descrença num Deus que sonhou e que é corporizado em quadros como «Ignoto Deo», «Na Mão de Deus», «O Crucificado» e «Mater Dolorosa» ou nesse poema contundente e desesperado de Alberto Lacerda, «Deus é uma blasfémia», que o pintor intitula «Carregando a terrível pedra de Sísifo ...Ehh, humanidade!!».

No sentido crítico, mesmo no âmbito do sagrado, estão as suas preocupações sociais que são desmitificadas através da ironia, plasmada em tinta e pincel e ilustrada com poemas de Alexandre O'Neill ou de Manuel Bandeira. Num libelo contra a guerra erguem-se as vozes do poeta medieval João Zorro, ou de Fiama Hasse Pais Brandão.

O seu próprio lirismo de pintor-poeta é assumido em poemas como «A morte de Manolete» e «Histórias com gritos de sevilhanas», encarnando a História Ibérica e ecos de Guernica. Portugal e os seus mitos, D.Sebastião e Marquês de Pombal, ressurgem nas suas telas e na voz de Camões ou na sageza histórica de Latino Coelho.

A dimensão filosófica de Umberto Eco ou de João Rui de Sousa é captada na subtileza do relevo e da subversão da forma e da cor.

Erguem-se, num cântico de amor, D. Quixote e Dulcineia, celebrando o sonho e a aventura dos eternos amantes. A beleza da mulher e a sua nudez visualizam-se na beleza cristalina da poesia de Camilo Pessanha ou de Adalberto Alves. Natália Correia e Florbela Espanca sugerem o mistério do amor, corporizado pelo pintor na sua forma surrealizante e barroca de se exprimir.

E, finalmente, numa homenagem à mulher palestina e ao seu povo, Figueiredo Sobral dá vida ao poema de Mahmoud Darwish, (poeta palestino): «Juro!/ Que hei-de fazer um lenço de pestanas/ onde gravarei poemas aos teus olhos»

É esta a mostra que o Mestre nos tem para oferecer, numa fase difícil da sua vida, em que cada vez mais interioriza a sua visão do mundo, isolando-se para se encontrar a sós com a sua arte, num diálogo que só ele entende, como dádiva miraculosa e perene que os deuses lhe ofertaram.

Lisboa , 9 de Março de 2005